O que acontece com a alma em uma iniciação maçônica? Os maçons mesmos não esclarecem…

Religión en Libertad, 20 de maio de 2018.

[].

Tradução. Bruno Braga.

Os dois grandes testemunhos de ex-maçons publicados em espanhol nos últimos anos, **o de Maurice Caillet e o de Serge Abad-Gallardo** [1], coincidem no impacto que neles produziu a **cerimônia de iniciação** e toda a sua **carga simbólica**, cujo significado a partir daí começavam a descobrir.

Não existe muito acordo, e entre os próprios maçons, a respeito do alcance dessas cerimônias sobre o novo adepto. É o que assinala **José Antonio Ullate Fabo** no artigo sobre *"O rito, a iniciação e o simbolismo maçônicos"*, publicado no número de março-abril da revista **Verbo** [2].

No seu livro sobre a doutrina transmitida pelas lojas (*“El secreto masônico desvelado”* [3]), Ullate aponta o **naturalismo** como a ideologia comum e instrutora de todas as obediências maçônicas. Na revista Verbo, ele esclarece que “o simbolismo maçônico é a coagulação, a síntese da doutrina naturalista da Maçonaria” e “uma ferramenta essencial para **relativizar as convicções anteriores do maçom**”.

Há um impacto imediato, portanto, dos ritos e fórmulas cabalísticas às quais se é submetido. Além da importância psicológica e sociológica de qualquer rito e em qualquer âmbito, no caso da iniciação maçônica é ainda maior, pois “**o candidato desconhece os conteúdos reais da doutrina maçônica**” quando ingressa nela. Todo o seu curso através dos diversos graus de iniciação consistirá em desvelá-la na forma de **iluminações sucessivas**. Portanto, antes de entrar, “não são as razões intelectuais o que atrai até a loja, mas motivações afetivas desordenadas”, em particular, “**curiosidade e vaidade**”, pois o aspirante busca “estar envolvido em um segredo” ou “ser parte de um grupo exclusivo”.

Então, qual é a natureza das iluminações sucessivas recebidas através dos ritos de iniciação? Em que grau tocam realmente a alma de quem se submete a elas? Paradoxalmente, dada a transcendência do rito e do símbolo nas cerimônias das lojas, os maçons divergem consideravelmente sobre essa questão. Ullate aponta, nos estudos que cita, **cinco hipóteses** formuladas pelos próprios membros da organização.

Hipótese 1. Não acontece nada.

O aspirante que se submete aos ritos de iniciação maçônica não experimenta nele nenhuma mudança: “Simplesmente transpõe o umbral do templo em que se vai ensinar as técnicas com as quais se vai alcançar os seus ‘fins espirituais’”. É uma **concepção cronológica**: a iniciação simplesmente inicia a jornada do maçom através dos sucessivos graus da sabedoria que

ele aspira”.

Hipótese 2. A iniciação outorga já um conhecimento impreciso.

Esse conhecimento tem sobretudo um aspecto experimental. O grau de sabedoria recebido através dos ritos depende da subjetividade do novo adepto. Os ritos atuariam como os sacramentais na Igreja: ***ex opere operantis***, somente em função dos impedimentos que apresenta quem os recebe.

Hipótese 3. O rito iniciático é eficaz em si mesmo.

Continuando com as analogias cristãs, atuaria como os sacramentos ne Igreja: ***ex opere operato***, independentemente do sujeito. Na iniciação maçônica (um “psicodrama” em cuja descrição coincidem os ex-maçons Caillet e Abad-Gallardo), o neófito ao assumir a personalidade dos personagens que aparecem no rito (como Hiram, o arquiteto do templo de Salomão), “sofre um **choque na ordem sensível que o faz adquirir um ‘conhecimento poético’** daquele ensinamento” que esses personagens supostamente transmitem. Segundo o maçom Javier Otaola, a iniciação é “o início de um processo de **transformação pessoal**”.

Hipótese 4. Existe uma iluminação.

De acordo com os maçons que sustentam esta posição, o ritual iniciático concede algo mais que um conhecimento *existencial* subjetivo (hipótese 2) ou objetivo (hipótese 3): concede um **conhecimento *intelectual*** que desperta “poderes psíquicos latentes”, provoca “uma mudança objetiva na inteligência do maçom”. Aparece aqui a **tradição mágico-gnóstica**.

Hipótese 5. Produz-se uma mudança na ordem do Ser.

Na escola "mais abertamente gnóstica": a iniciação tem "uma virtualidade ontológica" que marca o maçom, imprime nele ***caráter***, para tomar emprestado novamente a linguagem da teologia. Esta hipótese, sublinha Ullate, é "**a que mais corresponde aos elementos dogmáticos da Maçonaria**". O seu grande formulador e defensor foi o teórico esotérico **René Guénon**, que afirma: a iniciação "tem como meta essencial ultrapassar o estado individual para passar aos estados superiores do Ser".

Não é possível fazer isso individualmente, mas no seio de uma organização "que mantenha sem nenhuma interrupção a **continuidade da cadeia iniciática**", isto é, na Maçonaria: novamente uma visão invertida da Igreja. Guénon acrescenta que "os verdadeiros ritos iniciáticos e símbolos tradicionais são de **origem *não humana***" e têm sempre "como meta colocar o ser humano em relação com **algo que ultrapassa a sua individualidade**".

Portanto, a iniciação, segundo o autorizado magistério de Guénon, que abandonou a Maçonaria nos seus últimos anos para buscar o mesmo na "mística" sufi (muçulmana), não é mero ponto de partida moral (hipótese 1), não é um processo também moral (hipótese 2), não é uma experiência ou "psicodrama (hipótese 3) nem um acesso a conhecimentos secretos (hipótese 4), mas "uma **escalada na hierarquia dos múltiplos estados do Ser**". Essa doutrina, recorda Ullate, "reflete uma cosmologia gnóstica panteísta".

A realidade do que acontece na alma.

Todos os autores maçons citados por Ullate (Alec Mellor, Florencio Serrano, Francesc Xavier Altarriba, Javier Otaola, Oswald Wirth, Henry Wilson Coil, John Salza e o próprio

Guénon) coincidem na importância dos rituais de iniciação. Mas **não esclarecem nada** sobre o que realmente acontece com quem passa por esse conjunto de representações.

Seguindo o ex-mestre maçom John Salza, e partindo da simples e – esta sim, muito clara – teologia moral cristã e a sua distinção entre a vida da graça e a vida sem a graça (no pecado), Ullate explica: é "a **sugestão** de pensar que já pertence ao grupo eleito dos que receberam a luz, embora não seja claro em que consiste tal iluminação. A **vaidade** é sem dúvida um ingrediente essencial da iniciação maçônica".

NOTAS.

[1]. Cf. [].

[2]. Cf. [].

[3]. Cf. [].